

# MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15\$000.— SEMESTRE, 8\$000.— TRÊMESTRE, 5\$000.— AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigencia no escriptorio desta folha, rua do Cano n. 169, e da Assembléa n. 34

ANNO 1

DOMINGO 8 DE NOVEMBRO DE 1863.

N. 4

Lith: de E.J. Monteiro & C° R. do Cano 169.

Rio de Janeiro.

CELEBRIDADES DA RUA DA VALLA.



Nova opera Franco Brazileira.  
Ovação completa d'um novo maestro.

## SCENAS SOCIAES.

### APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICOS HYBRIDOS, ETC.

Pretenções a Revista.

Apezar do pouco estímulo que até hoje tem animado a publicação dos folhetos humorísticos n'este paiz, o *Merrimac* continuará a sua publicação, embora mesmo tenha a lutar com embaraços a fim de satisfazer seo compromisso.

Não é porém d'esperar que o actual chronicista prosiga na sua exposição critica de acontecimentos sociaes.

Faltão-lhe dados indespensaveis, e apenas rumurege por ahí algum murmúrio satyrico, céde elle de bom grado a pena a um mais abalisado sucessor, que entenda a tarefa facil de executar.

Entre nós são raros os criticos e rarissimos os que possuem tal nome de *facto e direito*.

Para grangear e justificar um tal título, exigem-se dotes e faculdades tão dificeis de reunir e aperfeiçoar, que com razão se pôde dizer, que é escasso o numero dos que possuimos, posto que seja enorme a cifra dos que escrevem.

A queda de tanto temerario, tonteia e deslumbrá os talentos mediocres.

Taes pretenções nunca nos acompanhárão; com pezar até nos resolvemos a encetar no *Merrimac* esta serie d'artigos que apenas possuem na carreira de seos irmãos as pretenções a uma *Revista*.

Não nos vangloreamos de possuir os dotes de que fallamos, e desejariamos até por esse lado, receber e utilizar os conselhos dos que por ventura são mais experientes do que nós.

Porém não sucede assim.

Agridem-nos por que somos sevérios de mais com um rosto bonito, com um coração condescendente, com uma celebridade incontestada, com um artista de duplo mérito e etc., e porque entendemos levar a vida a rir, quando ha quem deseje leval-a a chorar.

Que chore portanto quem acha consolo nas lagrimas, nós continuaremos a rir de tudo quanto nos rodeia no mundo, e a consideral-o como redondo.

Julgamos que não nos intrometendo nos negócios da vida alheia, que os ha por ahí tão aproveitaveis, temos comprido o nosso dever moral.

No que toca a vida publica, cada qual que toque o seo instrumento, e nós faremos o mesmo; quem tiver mérito elevado, não será de certo o *Merrimac* quem lh'o obscurecerá.

Vem isto aqui o propósito de sérias censuras feitas sobre escriptos compostos a rir, e aos quaes a rir respondemos.

Temos dito.

\* \*

As novidades da semana tem seo tanto ou quanto de importantes.

Novidades chegadas pelo paquete, dos paizes d'un outro mundo.

Socego completo entre as altas partes contractantes; nenhum esforço feito para bem dos infelizes polacos.

Para bem do liberalismo da época, e das idéas que tanto se apregoão, deixão os pobres polacos derramar quanto sangue possuem.

E' uma partida de bilhar, em que a Inglaterra e a França carambollam por tabella, e em que o pobre *pichote da Polonia*, não obstante alguns pontos de partido perde sempre.

A mulher do grande prestidigitador político, visita os paizes da Europa com o fim de auxiliar seo marido nas partidas que elle tem ainda de jogar na presença do illustrado povo do nosso seculo.

Ainda a questão do Papa.

Séria dissensão entre o general francz em Roma e o ministro da guerra.

No paiz da caridade christã assasinão-se em nome da religião em pleno dia nos logares mais publicos.

Um soldado romano dispara alguns tiros sobre dois camara-das italianos, os postos franceses prendem o aggressor, porém a autoridade romana depois de ter enganado o comandante do posto francz, rouba o homem, asseverando que elle nada mais fizera de que um serviço á religião.

E que tal?

Realmente o bem da humanidade tem tido grande incremento na Europa.

Grandes festas no paiz do antigo *Camões*, um infante que nasce com todas as semelhanças com o homem.

Proximo baptizado ao qual devem assistir os *muito grandes personagem d'importancia*.

Uma esquadra em Lisboa com idéas liberaes, isto é, de festejar um paiz pequeno por parte de um grande.

Liberdade ainda!

A caridade politica de França a prestar auxilio aos necessitados do Sul da confederação Americana, sómente para bem commun dos seus habitantes.

Ainda mais liberdade.

Grande esperança nas viagens aéreas, projecto da partida de uma maquina para o Brazil no proximo anno de 64.

As Consultas Praxedes tomadas em consideração pela Sociedade Real de Londres para o fim de aconselhar sobre a falsificação dos vinhos, e decizão da piratagem da esquadra inglesa.

O Mal das vinhas condecorado pela descoberta da criação dos filhos naturaes.

Alguns cabrestos feitos moços das casas reaes.

Resolução de se nomear um consul em Lisboa para o Rio de Janeiro. Brevidade incomparavel se elles já tem o thelegrapho eletrico em Portugal! por isso são tão breves nas suas decisões.

Os Americanos que andão ainda em tentativas de diminuir o numero de sua população.

Os confederados adquirem grande vantagem sobre os federaes.

Os outros paizes presenceão com admiração mais este passado no caminho dos melhoramentos da humanidade.

Infeliz Brazil!..

\* \*

Acontecimentos patrios.

Desconhecemos ainda a corda sensivel do bom povo desta cidade.

Os seus gostos varião conforme as épocas, ou mais portuguezmente fallando a nossa sociedade tem luas.

Houve tempos em que o theatro Lyrico era o pratinho mais saboroso para os peraltas do seculo; não se ouvia senão fallar no—*Il Trovator*—*La Traviata*—*Il Ernani* e etc. hoje acabou; o theatro vira o repertorio do direito para o avesso, de traz para diante, e os espectadores surdos ás harmonias deleitzas que faz ouvir a orchestra do *Barracão*, afastão-se e seguem caminho das ruas da *Valla* e *Ajuda*, resolvidos a viverem n'um completo carnaval, e a verem boas pernas, boas caras, e a ouvirem os canticos bachanaes d'une soir de carnaval, du Caffé Concert e a presenciarem a medida jurídica do *Mariage au lanternes*.

Eu entendo que elles tem razão.

Os taes ratões dos empresarios do Lyrico é que são os culados; administrão o theatro segundo o código do *Maranhense* que dá em resultado a reunião de tudo quanto não presta.

Mas o que é facto, é que vamos ficar sem companhia lyrica.

Tivemos por despedida o beneficio da prima dona Briol.

Vamos talvez ser mimoseados com a impagável opera nacional, em que as linguas italiana e portuguesa fazem pacto de commun alliance, para assim tornar mais estreitos os laços que unem os povos no progresso das artes.

Dizem por ahí que o governo tenciona mandar demolir o

barracão, a nós porem parece-nos a ballela difficil de engolir.

Seja como for, é pena ver assim maltratar um museo que tantos serviços tem prestado á arte musical, e que tanto recorda a architectura dos velhos tempos de ontr'ora.

A pedido de um grande numero de famílias,\* deve a companhia de mestre Martin dar uma representação no barracão, pondo em scena a bella produçao moralistica — *Le soir de carnaval*, — para inaugurar uma nova época de progresso na educação social.

Deve ser uma noute de grande ovação para o regozijo familiar.

Torna-se assim o pobre theatro uma reunião mixta de produções dramaticas e lyricas de todo o genero.

Falta só saber se o governo se resolverá a dar um subsidio á empreza de mestre Martin.

Será uma grande obra de misericordia para os cofres públicos.

\*\*

No theatro de S. Pedro, tão celebre nos annaes da eschola nacional dramatica, predomina hoje um aferro profundo ao constitucionalismo das idéas monarchicas.

Continuão as coroações.

Ao enterro da pobre *Joanna* depois de coroada, seguiu-se a coroação do bom rei — *João quarto* — á qual assistio toda a committiva de notabilidades coroceiraes.

Foi um espectaculo de estrondo.

O publico boquiaberto, admirou a propensão dos actores para a *pantomima*, e festejou com aplauso as scenas marciaes do *chanfalho e capacete*, que mostrão ao vivo os uzos d'uma época, que a historia se esquece de nos fazer ver, talvez por pouco conhecimento dos historiadores d'essas épocas obscuras.

A continuar assim uma tão bella escolha de dramas, que tanto adiantão os actores na eschola do *Monoel Mendes Fogaga*, é muito de esperar que tenhamos brevemente um *theatro modelo*, e uma companhia de *arlequins*.

E assim degenera a raça dos filhos do pobre Talma.

Espera-se que — *O Portugal nunca vencido* seja o drama com que a empreza tem resolvido mimosear o publico apreciador.

E pena deixar assim profanar um edifício de tão bonita appencia externa.

Mas se é fado!

\*\*

Temos ainda para consolação dos dellitantes da arte dramatica, os dous atheneos do Gymnasio e S. Januario.

O primeiro, unico lugar em que os amadores podem passar algumas horas para ouvir fallar a lingua portugueza; esse, tem ultimamente caprichado em não ensaiar produçao alguma nacional, e em cingir-se ás mesquinhas traduções francezas que tão pouco cooperão para o incremento d'uma arte que de tanta utilidade se torna para o adiantamento dos artistas e instrucción das massas.

Não falta entre a phalange dos jovens estudiosos do imperio quem deseje cooperar com todas as forças para o restabelecimento do theatro nacional; é-lhes porém sempre superado o desejo, pela falta d'un metodo regular na administração dos theatros do paiz, e pela falta de protecção bem entendida da parte do governo, que entretanto a presta a empresas de nenhuma utilidade.

Assim anda o mundo.

O segundo, velho pardieiro, que apregoa bem alto na beira da bahia o progresso das construções do paiz, tem uma companhia em harmonia com o interior do alojamento.

Parente muito chegado do S. Pedro, quer sempre seguir-lhe os rastos, e collocar-se á altura que o outro tem merecido do publico analphabeto.

Tenta ser-lhe superior, subindo — *os sete degrados do crime* — de que os nossos avés tanto gostavão.

Merecia a pena que a pobre companhia naufragasse de novo com outro qualquer poeta, afim de ver se era possível arranjar-se nova tripulação e um perito capitão.

\*\*

Ser-nos-hia censurado passar o thema da revista, sem dizer alguma cousa sobre os *clubs lyricos da Valla e Ajuda*.

O bello sexo tem alli um refrigerio aos males calamitosos do dia, e fornece-se alli uma quantidade de kerosene necessaria para a leitura noturna.

No *Alcazar*, mestre Martin não anda em muito boa harmonia com as celebridades, por causa de seos modos poucos airozos, de começarem as cavatinas com um sem numero de gargalhadas nas ventas do respeitavel publico.

Achamos justo, e até nos admira que o publico tolere semelhantes trinados que o proprio maestro Poppée não sabe acompanhar, fazendo cessar a sua orchestra para os deixar produzir o divido effeito.

E' um spectaculo de nova especie.

Entra o artista em scena, começa a rir-se para o publico, e este talvez persuadido que aquillo faz parte do canto, ri-se tambem; o maestro Poppée porém levanta o grande cabide dos oculos, e olha para o cantor, admirado de ver assim transgridida a ordem que mestre Martin lhe dera no seo bocadinho de papel.

Parece-nos indesculpavel um tal proceder.

Continuão ainda as celebridades da *Valla*; de novo entra em scena um bicudo *maestro de luneta*, que bombasticamente, isto é ao toque de bombo, caixa, pratos, ferrinhos, sino e berros executa uma quadrilha estrangeira feita no paiz.

Appellamos para a firma dos mestres Garnier, Arnaud & C., juizes de paz d'aquelle freguezia, e pedimos com encarecimento que hajão por bem de collocar cada celebridade no seu lugar competente, e de não fazer cantar quem dança, e pulsar quem canta, o que dá em resultado uma *mixordia completa d'empurrões e cambalhotas*.

Ainda a sciencia moderna não conseguiu fazer um sapateiro cortar calças, e um alfaiate cortar botas, sem particular conhecimento dos dous officios.

Cingindo-se cada uma ao seo genero, tornar-se-hão mais agradaveis.

Pedimos mais ao mestre Martin as seguintes providencias, porque confiamos na sua boa vontade:

— Melhoramentos na qualidade de bebida.

— Substituição d'umas pernas muito finas e outras muito grossas, por corpos com melhores cabeças para a arte.

— Moveis mais adquados aos *vaudevilles* postos em scena.

— Melhor escolha de *banhos de fadas* (recomendação ao actor.)

— Menos egoismo no tempo dado para as representações da companhia.

— Menos economia no gaz quando chove, não pondo o publico na rua.

— Não esquecimento de levar o musico do sino no sabbado ao Lyrico para acompanhamento do *Mariage*.

— Maior quantidade de flores para a porta do alcazar.

— Mudar para cadeiras os *mochos* que já tiverão aquele titulo e etc. etc.

Do *El-dorado* não trouxe o paquete noticias, uma carta porém de mestre Brisson, noticia o augmento de mais dez pessoas no numero dos visitantes em consequencia da entrada de Mr. e M<sup>me</sup> Vallote.

Noticia igualmente o grande conflicto que alli teve logar entre o artista Gabel, e *um gamin do Rio*, o qual entendeu jogar o entrudo n'uma noute de quaresma, fazendo da cára do pobre artista boca de peça, atirando-lhe *estalos* com o fim de ouvir talvez o estrondo aéreo que semelhante trabalho podia produzir.

O artista e mestre Brisson, consta que não gostarão da cha-

ELUORADO.

— Pegue, minha senhora.  
Não quero.  
— Pegue, que é a fado.

Une femme qui trompe



CAMINHO DO SENADO



Oh, nanham, pois você ainda não sabe esta musica?  
Que quer, mamã... também papai foi comprar um piano de errar.



EM CASA.

— Pensas qué me hasde enganar?... Ninguem me engana sem que eu saiba lógo.  
— Mentirosa.



NA RUA.

— Espere, senhor; eu sou a mai desta menina, e quero saber as suas intenções.  
— Descanse; eu sou um homen casado.

laça, e á falta de policia, pegarão-se a unha com o supradito *atirador*, afim de lhe darem igualmente dous estálos em recompensa.

Que abençoada policia!

Se della provem alguma utilidade para o povo do Rio é ainda desconhecida.

Começao hoje igualmente no *Merrimac* as celebridades da Rua d'Ajuda.

A do presente numero, *une femme que trompe*, é que deixa indiciso o juizo do mais pintado sobre o sexo a que pertence.

— Foi uma celebridade do antigo imperio.—

Mestre Brisson conserva como preito ao velho imperio aquella, *nunca assaz aborrecida entidade*.

Igualmente a proxima chegada de novas celebridades de Paris.

A dansarina Prevot sem companheira que a imite.

Continuação de pagamento de 1\$ em prata ou em papel á entrada *dourada*.

Falta d'altura para respirar no verão.

Falta de dinheiro para a compra de novo scenario, para variar.

\*\*\*

Ha por ahí mais alguns espectaculos publicos taes como os elegantes salões de baile.—Garibaldi—Hotel d'Alegria,—salão de Santa Thereza, fabricas de cerveja, e etc. porem nesses logares preside sempre a mais pura moral e ordem, e o visitador ao sahir traz uma sensação tão agradavel nas idéas, que esquece completamente o que lá presenceou.

\*\*\*

Agora cá pelo lado social, havia é certo alguma couzinha que contar, e até mesmo muito interessante, mas quem tem telhado de vidro não atira pedras ao do vizinho, e por isso eu prefiro calar-me.

No entanto sempre ahí vão duas que um amigo me contou muito em segredo.

— Abertura de um botequim na rua do Cano para a venda exclusiva de chá verde, fornecido pela proprietaria.

— Projecto d'uma escola modelo no Rocio, para a educação dos moços de maior idade.

E grande necessidade da empreza do *Merrimac* de se achar em conta corrente com seus assignantes, aos quaes digo o meu saudoso adeos até á semana.

## ELEMENTOS DE LÓGICA.

### DAS FORMAS EXTERNAS DO RACIOCINIO.

(Continuação.)

§

O Raciocinio *d priori* é, aquelle cuja conclusão é resultado do conhecimento da natureza do objecto em questão; exemplo:

Pertende-se mostrar que « A IMPUNIDADE FAZ A FELICIDADE DOS MINISTROS ».

Como na idéa de *impunidade* não vemos immediatamente a idéa de *fazer a felicidade dos ministros*, usamos do seguinte Raciocinio :

*Impunidade* quer dizer a prática de todas as nossas acções sem responsabilidade, isto é, a prática de todas as nossas von-

tades sem darmos satisfações a ninguem, sem sermos jamais castigados pelo mal que fizermos.

Ora, na idéa de praticar todas as nossas vontades sem sofrermos as consequencias daquellas que forem ruins, existe a idéa de não ser o corpo incomodado como costuma ser a d'aquellos, que infringem as leis sociaes e moraes; portanto podemos dizer.

« A impunidade preserva os ministros de muitos incomodos ».

Mas na idéa de preservar o homem de muitos incomodos existe a idéa de gozar do socego e tranquilidade do corpo: logo podemos dizer:

« O que preserva os ministros de muitos incomodos concorre para o socego e tranquilidade dos seus corpos ».

Finalmente na idéa de gozar do socego e tranquilidade do corpo existe a idéa de felicidade; pois que consistindo esta na maior izenção dos males, que nos podem affligir, será tanto maior o nosso socego quanto menor fôr o numero de males; logo podemos dizer igualmente:

« O que concorre para o socego e tranquilidade dos corpos dos ministros, concorre para a felicidade delles; logo :

« A impunidade faz a felicidade dos ministros ».

§

O Raciocinio *à posteriori* reduz-se pouco mais ou menos, a isto :

Quem cabritos cria e cabras não tem, d'alguma parte lhes vem.

Haja visto muito ministro, muito desembargador, muito vereador, muito feitor da Alfandega, muito comprador das repartições publicas, muito chefe de família, muito moço bonito etc. etc.

(Continua.)

## Migalhas.

O QUE É A CELEBRIDADE. — Meo filho, estou prompto a gastar contigo o que fôr necessario; mas, estuda, estuda, quer-te vêr um homem de letras, um homem celebre.

— Ora, meo pai, o que ha neste mundo que valha um bom charuto, um passeio pela rua do Ouvidor, o *dulce far niente*?...

A celebridade, diz o senhor que é uma grande cousa; a celebridade não é mais do que o incommodo de ser conhecido por aquelles a quem se não conhece!

\*\*

UMA FLÔR. — Case, ande, case com minha filha. O senhor não imagina o que ella é. Olhe que é uma flôr.

O sujeito casa, e um anno depois vendo-se pai de tres gemêos muito rochumchudos escreve ao sogro o seguinte :

« O senhor assegurava-me que a sua filha era uma flôr, pois podia ter avançado a mais, é uma arvore fructifera.

\*\*

UM MANJAR SUI GENERIS. — Como, pois deveras Cocota tu tens tres namorados? Um medico, um negociante e um rapazola sem eira nem beira!

— Que queres, são gostos. O medico é o meo almoço, o negociante o meo jantar e o rapazola sem eira nem beira

— 7 —  
como lhe chamas, é a mostarda que me abre o appetite para poder devorar os outros.

\* \*

UM IMPAGAVEL. — Então, pelo que dizes, maganão, tu tens desfructado estas sujeitas todas.

— Ora, não me falles. Mas tenho gasto ; olha com a C... 500\$000 réis, com a F. 480\$000 réis, com a J., 200\$000 réis, com a R... felizmente briguei com ella ante-hontem, por que senão sahia-me o negocio muito caro. Tinha ahí uns quatro contos disponíveis e assim empreguei-os em acções.

— Em acções de petas?

— Não homem, em acções da limpeza da rua da Valla.

\* \*

AINDA. — Que pateada está levando a tua apaixonada.

— Que lhe heide fazer, eu e o marido temos-lhe pedido para que não cante ; mas ella quer cantar ! O que vale é que ella vae agora para a rua da Ajuda.

— Onde será mais apreciada pois hade ser ajudada.

— Está claro.

\* \*

UMA PERGUNTA INNOCENTE DE UM LIBERAL A UM CONSERVADOR.

— Que idéa ficas tu fazendo do Ottoni agora, depois do discurso que elle pronunciou na Camara Municipal?

— Ora ! a mesma que fazia até aqui.

\* \*

UMA INGENUIDADE. — Largo de S. Francisco, 11 horas da noite.

— Que bonita bengala.

— E' verdade, mas é muito grande para mim.

— Então corta-a embaixo.

— Qual ! se é em cima que ella me incomoda.

\* \*

UM TROCADILHO (PARA QUEM SABE FRANCEZ.) — Porque razão a Voizel não agrada a todos os frequentadores do Eldorado, principalmente, áquelles que ouvem pouco ?

— Parce qu'elle a si peu de voix elle !

\* \*

OUTRO (QUE INCLUE UMA GRANDE NOTICIA.) — Abriu-se na rua do Cano, não um *Café-concerto* ; mas sim um *Chá-concerto*.

*Si vous voulez prendre du thé, venons... il y aura des bras illustres par dessus le marché.*

Visto terem agradado muito as diffinições do diccionario aristocratico-egoístico do nosso novo collaborador o Sr. Prospero Diniz, ahí vão ainda uns versos delle.

VERSOS DO TUDO, TUDO, DO POETA D'AGUA FRIA.

Tudo bonito é bem feito,  
Tudo que é gordo agasalha,  
Tudo que fura é verruma,  
Tudo que raspa é navalha.

Tudo que morre é defunto,  
Tudo de lombo é gostoso,  
Tudo o que é roto é mulanbo,  
Tudo engraçado é jocoso.

Tudo redondo é boceta,  
Tudo surado é buraco,  
Tudo comprido é canudo  
Tudo moido é tabaco.

Tudo que lambe tem lingua,  
Tudo que anda tem perna,  
Tudo que furta é ladrão,  
Tudo que vende é taberna

Tudo de béca é ministro,  
Tudo de farda é soldado,  
Tudo que bebe é chupista,  
Tudo que morde é damnado.

Tudo que fura tem ponta,  
Tudo que é panno é toalha,  
Tudo que é rico é divino,  
Tudo que é pobre é canalha.

Tudo que cheira é gostoso,  
Tudo que fede enfastia,  
Tudo que é pôte é vasilha,  
Tudo que é vella é bugia.

Tudo que geme é doente,  
Tudo que ronca é trovão,  
Tudo que bate é martello,  
Tudo que engorda é capão.

### Decifração do enigma.

Os empregos são o estalão pelo qual se mede a grandeza dos homens de estado.

Quem ganhou o premio que havíamos promettido, foi o Sr. Raymundo de Sousa Raposo, morador no beco do Guindaste n. 1.

### Rio de Janeiro.



— Papa, papa.  
— Não qué mais.